

## O ENSINO DE HISTÓRIA E GÊNERO: NAVEGANDO PELAS ÁGUAS TRÁGICAS DE MEDÉIA

Autor: Darcylene Pereira Domingues

Orientador: Jussemar Weiss Gonçalves

Universidade Federal do Rio Grande – [darcylenedomingues@gmail.com](mailto:darcylenedomingues@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo disserta sobre uma questão relevante para a educação: o debate de gênero no ambiente escolar. Utilizamos para essa reflexão uma obra literária, especificamente uma tragédia, para discutir e problematizar por meio do ensino de História as diferenças de gênero na sociedade grega que é caracterizada como androcêntrica e que construiu modelos de comportamento demarcados e limitantes para o feminino e o masculino. Entretanto, em princípio já afirmamos que a temática do gênero não deve permanecer restrita a um determinado conteúdo, pelo contrário, deve estar presente na escola no cotidiano do educando. Neste sentido, navegando pelas águas trágicas de Medéia refletimos sobre a construção social e histórica do papel da mulher na Grécia Antiga e as rupturas realizadas por essa personagem por meio do seu discurso, destacando dois aspectos: sua méti.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Gênero, Tragédia, Medéia, Méti.

### INTRODUÇÃO:

O presente artigo tem a intenção de demonstrar a utilização da literatura clássica, mais especificamente uma tragédia, para a constituição do debate de gênero no ambiente escolar. Utilizamos o conceito de gênero porque em primeiro lugar decidimos fazer uma história de homens e mulheres pois esses constituem-se em sujeitos sexuais e que estão em processos nos quais os dois estão interligados socialmente. Além disso, acreditamos que

Os historiadores fizeram a historiografia do silêncio. A história transformou-se em um relato que esqueceu as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução inenarrável, elas estivessem fora do tempo, fora do acontecimento. Mas elas não estão sozinhas nesse silêncio profundo. (COLLING; TEDESCHI, 2015, p.300).

O posicionamento do docente é necessário para que o debate de gênero aconteça no ambiente escolar e nesta escrita resolvemos retirar as mulheres desse silêncio profundo através da voz de uma personagem clássica da tragédia. A obra escolhida para esse diálogo, é Medéia<sup>1</sup> escrita no ano de 431 a.C pelo trágico Eurípidés<sup>2</sup> apresenta uma personagem feminina e estrangeira que rompe com o ideário grego, socialmente construído naquele período, o lugar limitante da mulher.

<sup>1</sup> Para compreensão do mito indicamos: BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

<sup>2</sup> Os três trágicos considerados clássicos são: Ésquilo, Sófocles e Eurípidés.

Desta forma, por meio da fala da personagem principal demonstraremos algumas das relações existentes entre o masculino e feminino na tragédia e na sociedade grega clássica.

Acreditamos que essa temática não deva ficar restrita a um determinado conteúdo, pelo contrário, deverá estar presente no cotidiano do educando para que ele exerça constantemente a equidade<sup>3</sup> necessária perante o Outro. Além disso, também afirmamos a necessidade da temática de gênero de ser incluída especificamente no currículo da formação dos professores, pois “os currículos dos cursos de formação, em sua maioria, de fato não têm capacitado os(as) docentes para lidar com os preconceitos e discriminações dos mais diferentes tipos no ambiente escolar” (SILVA, ROSSATO, OLIVEIRA, 2013, p.456). Conseqüentemente, a defasagem do currículo na formação dos professores a nível nacional reflete-se na falta de iniciativas nas escolas com projetos que abordem a temática de gênero, pois acreditamos que

Trata-se de desafio vital a ser enfrentado nos cursos de formação docente: não apenas o que e como ensinar história na escola, mas, também, e principalmente, como o ensino de história pode ser usado para a construção e o desenvolvimento de uma forma de pensar o mundo e as relações sociais e de poder (SILVA; ROSSATO; OLIVEIRA, 2013, p.454).

Assim sendo, cremos que o ensino de História deva se apropriar dessas concepções e discussões que o conceito de gênero pode proporcionar para a educação, trabalhando com diferenças, diversidades e o sentimento de empatia. Durante muito tempo, fora reproduzido a ideia de que “as mulheres, não tinham história, absolutamente excluídas pela figura divina do Homem, que matara Deus para se colocar em seu lugar” (RAGO, 1998, p.91) e contemporaneamente sabemos que esse feminino participou ativamente dos processos históricos, somente não foram visibilizadas e portanto, chegou o instante para essa discussão.

O ensino de História gradativamente incorpora a temática pois “gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. (SCOTT, 1990, p.86), portanto historicamente construídas e reafirmadas. O estudo histórico não pode separar o feminino do masculino para compreender uma sociedade, pois as relações sociais de ambos os sexos encontrassem interligadas, como afirma Scott “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p 88). Essa nova forma de observar a sociedade e de fazer história dependeria da maneira como o gênero seria desenvolvido como uma categoria de análise.

---

<sup>3</sup> Equidade no sentido de respeito à igualdade de direitos.

Nacionalmente, o nome que se destaca nos estudos do ensino de história e o debate de gênero no ambiente escolar é a pesquisadora Guacira Louro que nos anos 90 publica o seu livro intitulado *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, que teve inúmeras reedições posteriores e permanece sendo um suporte para pesquisas na área. Neste livro, Louro demonstra o estudo de Scott e o utiliza para discutir as relações de gênero e poder que estão envolvidas no ambiente escolar, discorre também sobre um outro assunto muito negligenciado no período, a sexualidade, afirmando que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”” (LOURO, 2011, p.85). Contemporaneamente, outras pesquisadoras em diferentes regiões do país trabalham o ensino de História e o gênero na sala de aula, se utilizando de filmes, biografias, revistas, jornais e até a própria historiografia.

## TRAGÉDIA E GÊNERO

A obra aqui selecionada, *Medéia*, é uma fonte literária produzida em um determinado período histórico, o século V a.C<sup>4</sup>, e se apresenta como a expressão da escrita de um homem. Entretanto, mesmo sendo uma escrita particular e masculina, o autor exprime o contexto e o discurso social da cidade de Atenas daquela época. O atrante da obra *Medéia* é que a personagem questiona os papéis sociais que eram impostos pela sociedade grega naquele momento, tentando romper com o espaço limitante determinado para o feminino, através do seu próprio discurso, uma condição ligada ao masculino.

As tragédias gregas eram escritas esteticamente para o teatro, que se apresentou como espaço e suporte para veiculação da moral cívica e da crítica social. O que é corroborado pela escrita de Lesky que afirma ocorrer uma “intenção educadora no poeta trágico” (LESKY, 1976, p.36). Nesta escrita, não vamos nos dedicar a função de *paideía* que a tragédia possuía para os gregos do século V, pois como citado a peça teatral poderia ser um processo de formação cultural para o homem grego o que contemporaneamente chamamos de educação. Além disso, a tragédia neste período influencia a democracia visto que ficam restritas a cidade de Atenas, um polo cultural e isonômico em toda Hélade. Essa nova forma de convívio social que os indivíduos vivenciavam naquele contexto era expressada nos limites e desmedidas dos personagens no teatro. Os trágicos

---

<sup>4</sup> Este século é caracterizado como o início e o fim da produção trágica na cidade de Atenas. Para Vernant “o gênero surgiu no fim do século VI quando a linguagem do mito deixa de apreender a realidade política da cidade” (VERNANT, 2005, p.10).

criaram diversos personagens que sofreram as consequências de sua *hybris* que muitas vezes espalharam um miasma por toda a *polis*. Desta forma, atitudes descontroladas ou desmedidas deveriam ser evitadas e combatidas dentro da cidade para que o coletivo não sofra as consequências. Portanto, o homem e a sua ação se tornam um problema para a cidade e segundo Vernant (2005) esse herói do passado reinterpretado apresenta-se como um enigma para esse espectador porque possui sentido duplo, pois, não pode ser fixado ou esgotado,

Uma área tentadora na pesquisa de gênero na Antiguidade é projetar categorias contemporâneas e principalmente avaliações morais, como amor, sexualidade e erotismo para o passado, porém estamos utilizando concepções atuais para classificar indivíduos temporalmente muito distantes de nós, desta forma o anacronismo se torna um risco. Além disso, segundo Boehringer (2011) uma peculiaridade de nossa sociedade ocidental contemporânea é olhar as relações eróticas e românticas e distinguir as relações com base no sexo da pessoa amada, dessa forma homossexualidade se opõe a heterossexualidade, e o último é considerado normal e natural. Logo, associamos a questão da identidade de gênero a uma identidade de orientação sexual de forma errônea, discurso este usado pelo Programa Escola sem Partido.

Neste momento vamos demonstrar por meio de diálogos da personagem feminina Medéia dois pontos escolhidos para essa escrita: a *métis* e o reconhecimento. Além do que, vale destacar que a personagem feminina é quem dá o ritmo a tragédia emaranhando todos os personagens masculinos, Jasão, Creonte e Egeu, na sua trama final. A princesa bárbara<sup>5</sup>, consegue envolver os outros personagens, que conhecem o seu potencial de destruição, mas são iludidos pela situação de mulher abandonada e frágil que Medéia arditosamente declara em diversos momentos da obra. Demonstramos abaixo as frases que a princesa declara após a saída de Creon de cena, demarcando o seu discurso de uma maneira sutil e calculada.

Acaso acha que o bajularia  
Sem tirar vantagem ou sem tramoia?  
Nem falaria com ele. Nem nele tocaria com as mãos.  
Mas ele chegou a tal nível de loucura,  
Que quando foi possível barrar meus planos  
Da terra me banindo, deixou passar este dia  
Para eu ficar (vv 368-374)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Utilizamos esse conceito de porque em alguns momentos da tragédia Medéia e Jasão reconhecem nos seus diálogos que as origens da personagem feminina não são grega.

<sup>6</sup> EURÍPIDES. Medéia. Tradução Trupersa. São Paulo; Ateliê Editorial, 2013

Observamos que a princesa utiliza de sua sabedoria para confundir Creon e permanecer na *pólis*, se aproveitando do seu espaço feminino para se colocar como vítima da situação e não como um perigo eminente. Além disso, o discurso dissimulado é uma arte de persuasão, da força da palavra que convence e permite a realização da sua vingança. Como nos afirma Cândido: “como mulher, ela não tinha a capacidade do uso da força física, portanto, buscar meios alternativos para fazer valer a sua vontade e vencer o inimigo”. (CANDIDO, 2006, p.28). E são esses meios alternativos que Medéia se utilizar para vingar-se dos seus inimigos, é por meio de sua *métis*<sup>7</sup> que ela domina a cena, destacando-se dos outros personagens femininos, expressos no Coro que lamentam a separação e pedem vingança aos deuses. Desta forma, observamos que o poeta expõe uma mulher com um comportamento artiloso, embora isso seja esperado do feminino no caso grego, como nos demonstra Andrade:

De forma geral, os atributos da alteridade do feminino são qualidade ligadas à proveniência artilosa das mulheres, que as tornam suscetíveis ao estranhamento. Em primeiro lugar o artil. Fundamento do ser feminino, a *métis* marca a presença da mulher entre os homens que, pela *métis*, se tornam imprevidentes (incapazes de antecipar e projetar-se contra um artifício). (ANDRADE, 2001, p.52)

Portanto, para o grego viver próximo ao feminino é estar sujeito constantemente ao perigo do descontrole desse ser, além do fingimento e do engano. Por isso, quando Medéia está sem um homem para regular seu comportamento dentro da sociedade grega, ela se torna uma ameaça para os habitantes da cidade de Corinto, por isso deve ser retirada do convívio da *polis* antes que sua *hybris* cause uma mancha na cidade. Neste sentido podemos observar por meio de uma leitura de gênero como uma característica negativa é associada ao feminino, pois os personagens masculinos da tragédia praticam acordos sociais e não ardis típicos de uma mulher.

## **FONTE:**

EURÍPIDES. **Medéia**. Tradução Trajano Vieira; São Paulo: Ed 34, 2010

EURÍPIDES. **Medéia**. Tradução Trupersa. São Paulo; Ateliê Editorial, 2013

## **DICIONÁRIO**

---

<sup>7</sup> Segundo Détienne e Vernant: A *métis* é uma potência de astúcia e engano. Ela age por disfarce. Para ludibriar sua vítima, ela toma emprestada uma forma mascara, em lugar de revelar seu ser verdadeiro. Nela a aparência e a realidade desdobradas opõem-se como duas formas contrárias, produzindo um efeito de ilusão, *apáte*, que induz o adversário ao erro e deixa-o, em face de sua derrota, tão ofuscado quanto diante dos sortilégios de um mágico. (VERNANT, 2016, p. 29)

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Marta Mega. A “**cidade das mulheres**”: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: LHIA, 2001

BOEHRINGER, Sandra. **Le Genre dans et pour L’histoire**. Paris: Armando Colin, 2011

CANDIDO, Maria Regina. **Medéia, Mito e Magia: a imagem através do tempo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ. 2006

COLLING, A.M; TEDESCHI, L.A. **O Ensino de História e os estudos de gênero na historiografia brasileira**. Revista História e Perspectivas, Uberlândia, p. 295-314, jan./jun. 2015  
Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32777> > Acesso em: 05 de mai. 2017

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. **Métis- as astúcias da Inteligência**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008

LESKY, Albin. **A tragédia Grega**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1976

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RAGO, Margareth. **Descobrimo historicamente o gênero**. Cadernos Pagu: Núcleo de estudos de Gênero, São Paulo, v. 11, p. 89-98, jan. 1998. Semestral. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cadpagu\\_1998\\_11\\_8\\_RAGO\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cadpagu_1998_11_8_RAGO(1).pdf) acesso em: 15 de jul. 2015

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> > .pdf acesso: 15 jul. 2015

SILVA, C. B.; ROSSATO, L.; OLIVEIRA, N. A. S. A formação docente em História: Igualdade de gênero e diversidade. Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 7, n. 13, p. 453-465, jul./dez. 2013  
Disponível em: <<http://www.esforce.orr.br>>. Acesso em: 06 de set. 2017

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2005